

Giovanni Lucena Costa¹
Alberto Ricardo Pessoa²

A beleza do estranho: a poética grotesca e sua reconfiguração estética no rock

The beauty stranger: the grotesque
poetics and their aesthetic
reconfiguration in rock'n'roll musical
genre

La belleza del extraño: poesía
grotesca y su reconfiguración
estética en rock

Resumo

O presente artigo esmiúça o conceito do grotesco em torno das belas artes que perpassa pelo renascimento cultural, e analisa a reconfiguração no gênero musical rock, tanto no discurso musical, verbal e visual, por meio de estudos de caso contemporâneos. O objetivo da pesquisa é entender por qual razão o grotesco, um gênero estético oriundo dos primórdios da poética visual, encontra-se presente e em constante processo de reconfiguração no cotidiano da arte contemporânea, com ênfase no gênero musical rock. Nossa metodologia se baseará em estudos de casos, e nossa fundamentação teórica irá integrar os autores CARROL (1999); ARAÚJO (2014); KAYZER (2013); SODRÉ e PAIVA (2014); Victor Hugo (2014), BECKMAN (2019) que são autores que estabeleceram teorias, fundamentos e conceitos frente ao estudo da estética grotesca e também do horror.

Palavras-chave: Grotesco. Arte. Rock. Renascimento. Estéticas.

Abstract

The Article Through detail the grotesque concept around Fine Arts that pass by the cultural renaissance, we will analyse how the grotesque of renaissance reshapes itself in the rock musical genre, not only in the musical speech, but verbal and visual through case studies. The research objective is to understand why the grotesque, a aesthetic genre that comes from the visual poetic, lies present and constantly in a reconfiguration process on the daily contemporary art, with emphasis on rock musical genre. Our methodology will be based on case studies and our theoretical foundation will be integrated by the authors CARROL (1999); KAYZER (2013); SODRÉ and PAIVA (2003); Victor Hugo (2014), authors who will establish theories, foundations and concepts against or study grotesque aesthetics and also horror.

Key-words: Grotesque. Art. Rock. Renaissance. Aesthetics.

¹ Mestrando em Artes Visuais pelo programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE); Membro do projeto de pesquisa e extensão Arte, Museu e Inclusão da Universidade Federal da Paraíba (UFPB); Graduado em Design Gráfico pela Faculdade Estácio de Sá da Paraíba. E-mail: giovannicosta.contato@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3556668591672348>; Orcid id: <https://orcid.org/0000-0003-2568-1634>

² Possui Licenciatura em Educação Artística pela Faculdade de Artes Alcântara Machado (2003), Mestrado em Artes Visuais pela UNESP (2006) e Doutorado em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie (2010), Pós-Doutorado em Sociologia pela UFPB (2014). É professor do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV UFPB/UFPE), em nível de Mestrado, e Vice-Coordenador do mesmo programa. mail: albertoricardopessoa@gmail.com. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6167799335143402>. Orcid id: <https://orcid.org/0000-0002-0231-3778>

Resumen

El presente artículo desglosa el concepto de lo grotesco en torno a las bellas artes que atraviesa el renacimiento cultural, y analiza cómo la reconfiguración en el género musical rock, tanto en el discurso musical, verbal y visual, a través de estudios de casos contemporáneos. El objetivo de la investigación es comprender por qué el grotesco, un género estético desde los inicios de la poética visual, está presente y en un proceso constante de reconfiguración en la vida cotidiana del arte contemporáneo, con énfasis en el género musical rock. Nuestra metodología se basará en estudios de casos y nuestra base teórica estará integrada por los autores CARROL (1999); KAYZER (2013); SODRÉ y PAIVA (2003); Victor Hugo (2014), autores que establecerán teorías, fundamentos y conceptos contra o estudiarán la estética grotesca y también el horror.

Palabras clave: Grotesco. Arte. Rock. Renacimiento. Estético.

Introdução

O objetivo deste estudo é analisar como o conceito do Grotesco da renascença se mantém presente na arte e estética do rock contemporâneo, por meio de seu constante processo de reconfiguração, oriundo de artistas que consideram o grotesco como um meio de representação poética importante em nosso cotidiano.

Nossa questão norteadora é entender por quê o grotesco é utilizado e referenciado por diversas obras audiovisuais do rock, seja por meio de artistas, ilustradores, músicos, para construir seus processos criativos e poéticas visuais, que resultam em obras artísticas que ressoam na sociedade, com ênfase no jovem e adolescente de tal maneira que representa uma determinada geração um referencial de formação cultural.

O escopo teórico é oriundo de autores como Victor Hugo (1827), Wolfgang Kayser (1957), Lena Beckman (2019) e Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002) que estabelecem ao longo da história diálogos acerca do grotesco e as respectivas artes, linguagens e meios que permeiam o gênero rock, não somente na questão musical, mas da comunidade que se insere enquanto representação cultural. O grotesco dialoga com o conceito do horror quando temos o rock como recorte de análise, tanto na representação gráfica quanto na narrativa audiovisual, presente em vídeo clipes ou conceitos de seus respectivas músicas e álbuns.

Assim, iremos refletir acerca dessa relação a partir os estudos de Rafael Araújo (2014) e Noel Carroll (1999). Em poética visual com ênfase no gênero musical rock, iremos dialogar com os estudos de caso de Florent Mazzoleni (2013) e citaremos passagens de Philip Norman (2013), jornalista musical e autor do livro de memórias do músico Mick Jagger.

O percurso do artigo visa analisar o conceito do grotesco e horror sob a ótica de diversos pesquisadores acerca do tema, expor casos de uso da estética do grotesco e do horror no processo criativo de artistas dedicados ao gênero musical rock e a reconfiguração poética visual em seus respectivos discursos.

O Grotesco e o Horror

Os estudos acerca do Grotesco enquanto estética visual remonta do século XIV ao XVI. O termo grotesco servia para designar antigas ornamentações em Roma e outras regiões da Itália, que resultaram, segundo Kayser (1960) em desconhecidas pinturas ornamentais antigas.

...todos esses motivos, que se originam da realidade, são hoje repudiados por uma voga iníqua. Pois, aos retratos do mundo real, prefere-se agora pintar monstros nas paredes. Em vez de colunas, pintam-se talos canelados, com folhas crespas, e volutas em vez de ornamentação dos tímpanos, bem como candelabros, que apresentam edículas pintadas. (VITRÚVIO Apud KAYSER, 2013, p.18)

Temos o início do Renascimento (século XIV - XVI) como estilo e base filosófica nas artes visuais, verbal e sonora:

Na palavra *grotesco*, como designação de uma determinada arte ornamental, estimulada pela antiguidade, havia para a renascença não apenas algo lúdico e alegre, leve e fantasioso, mas, concomitantemente, algo angustiante e sinistro em face de um mundo em que as ordenações de nossa realidade estavam suspensas, ou seja: a clara separação entre os domínios dos utensílios, das plantas, dos animais e dos homens, bem como da estática, da simetria, da ordem natural das grandezas. (KAYSER, 2013, p.20)

No entanto, não há um consenso geral sobre o significado do grotesco. O conceito encontra-se em aberto e discutido por diversos autores. segundo Lena Beckman¹ (2019, p.03), o grotesco

(...) ainda é um termo inconclusivo, ainda em avaliação, ligado tanto aos processos sensoriais, culturais quanto formais. Em estudos mais recentes, as conotações negativas da palavra, que se originaram nos anos 1700, foram removidas, e o grotesco é parcialmente restaurado às suas raízes semânticas originais dos anos 1500 italianos, o Cinquecento, relacionadas ao fantástico. (Tradução nossa).

Ao longo da história da arte o grotesco foi diversas vezes reconfigurado. No entanto, apesar não haver um consenso geral em torno do significado da palavra, existe um apanhado de pesquisadores que relatam ter encontrado vestígios do grotesco na época do renascimento cultural, seja nas peças e escritas de Shakespeare, vulgo *Tragédia do Rei Lear*, obra que possui uma narrativa calcada na tragédia e no riso; de Dante Alighieri em sua *Divina Comédia*; Leonardo da Vinci e os seus esboços. Segundo Lena Beckman² (2019,pg.07)

A origem semântica do grotesco vem com a descoberta de *Domus Aurea*, escondida sob as ruínas dos banhos de Tito, por volta de 1480. Era o palácio de Nero que havia sido encontrado em 8 grutas, e nas paredes havia decorações e imagens pintadas que teriam um grande impacto no final dos anos 1400 e em todo o Cinquecento, e além dos nossos dias. Michael Squire ressalta que foi a primeira descoberta arqueológica que revelou imagens do mundo antigo, uma época tão significativa para o Renascimento. (tradução Nossa) (BECKMAN, p.07, 2019).

Nós tomamos como base a definição do adjetivo grotesco dada no século XVIII no dicionário alemão-francês de Schmidlin referenciada por Kayser: "*Figuradamente grotesque (ou grotesk) significa o mesmo que singular, desnatural, aventureiro, esquisito, engraçado, ridículo, caricatural*" (KAYSER, 2013, p.27).

1 (...) is still an inconclusive term, still being evaluated, connected as it is both to sensory, cultural and formal processes. In newer studies, the negative connotations of the word, that originated in the 1700s, have been removed, and the grotesque is partly restored to its original semantic roots of the Italian 1500s, the Cinquecento, relating to the fantastic. (2019, p.03)

2 The semantic origin of the grotesque comes with the discovery of *Domus Aurea* hidden under the ruins of the Baths of Titus, around 1480. It was Nero's palace that had been found in 8 grottoes, and on the walls were painted decorations and images that would have a great impact on the late 1400s and on the whole Cinquecento, and beyond to our days. Michael Squire points out that it was the first archeological find that revealed images from the ancient world, a time so significant to the Renaissance. (2019, p.07)

Ao debruçarmos mais a fundo sobre o grotesco, vimos que os pesquisadores Muniz Sodré e Raquel Paiva (2002) redigiram a respeito do tema e destacaram alguns elementos que marcam o grotesco na poética visual nas artes: as características do riso (cômico) e do horror (trágico) são constitutivos para a categoria estética do grotesco.

Ao esmiuçar os estudos específicos sobre o horror, consideramos que as fundamentações a respeito do tema possuem claras relações com os estudos do grotesco. Segundo Rafael Araújo (2014), o horror *“é uma forma de entender como o humano lida com os terrores que lhe circundam, como lida com o espanto do cotidiano e as contingências que atuam sobre ele”* (ARAÚJO, 2014, p.18).

Ainda sobre o horror, devemos também considerar que o medo; a repulsa; o desespero; a ameaça, como sendo características contextuais do grotesco, ajudam a ampliar o interesse das pessoas por parte da estética visual grotesca. Segundo Carroll (1999), o medo constrói emoções, chama ele de horror artístico, ao destacar o horror como elemento visual presente tanto nos famosos longas da Universal Pictures, Drácula, Frankenstein quanto em pinturas de Goya, na literatura de HP. Lovecraft e Stephen King etc. O autor diferencia o horror artístico do horror natural quando estabelece uma barreira entre a ficção, no caso do horror artístico, que podemos assimilar nas artes visuais e audiovisuais, do horror natural, aquele impactou a história da humanidade, como o nazismo, holocausto e as guerras mundiais.

Horror artístico; por convenção, pretende referir-se ao produto de um gênero que se cristalizou, falando de modo bastante aproximado, por volta da época da publicação de Frankenstein - ponha ou tire 15 anos - e que persistiu, não raro ciclicamente, através dos romances e peças do século XIX e da literatura, dos quadrinhos, das revistas e dos filmes do século XX. Além disso, esse gênero é reconhecido no linguajar comum, e minha teoria sobre ele deve em última instância ser avaliada em razão da maneira como segue a pista do uso ordinário (CARROLL, 1999, p. 28)

O horror artístico descrito por Noel Carroll integra a estética do grotesco de forma oportuna, uma vez junto ao elemento do riso, constrói um ponto de interseção entre o interesse; emoção; prazer e medo. Ao observarmos o cotidiano da sociedade contemporânea, vemos o horror artístico nas mais diversas reconfigurações culturais e visuais no que se diz respeito às religiões, crenças, mitos e movimentos sociais.

No gênero musical rock, por exemplo, temos um elemento em comum entre os grupos que destaca o prazer, bem como a própria repulsa. A a Invasão Britânica³ continha grupos que questionava os valores éticos, morais, sociais e econômicos da época através do horror artístico. Na banda de rock The Rolling Stones, por exemplo, o conceito de horror artístico de Carroll era construído em torno das encenações de palco do vocalista Mick Jagger, que continha desde danças epiléticas em suas apresentações aos berros e gritos de discórdia e raiva contra o sistema numa época pós assassinato do presidente Kennedy, em que a Inglaterra sofria uma mudança social

³ A Invasão Britânica foi um fenômeno cultural e movimento musical iniciado na Inglaterra durante os anos 1960, continha bandas de rock e com rápidas batidas que logo fizeram sucessos nos Estados Unidos e posteriormente no mundo inteiro, influenciadas por Elvis Presley, Chuck Berry, Little Richard, Jerry Lee Lewis, BB King... as bandas eram The Beatles, The Rolling Stones, The Animals, The Kinks, The Yardbirds, The Who, dentre outras. (tradução nossa) Fonte: <<https://www.britannica.com/event/British-Invasion>> acesso em 11 de junho de 2020.

e cultural devido ao movimento hipster e da contracultura, movimento opositor ao conservadorismo da época, segundo o biógrafo NORMAN (2012). De acordo com Philip Norman, Mick Jagger era um astro cuja atitude transgressora calcada no horror construía sensações de prazer e medo para o público. Ele era a representação da juventude insatisfeita dos anos sessenta. Cantava sobre simpatia pelo demônio; satisfação em negar uma ordem; bombardeios das Segunda Guerra; e flores mortas. Um lirismo que buscava enfatizar a tragédia frente uma indústria fonográfica que estava prestes a produzir os mais irreverentes artistas da música do século nas décadas posteriores: Alice Cooper; Ozzy Osbourne; David Bowie; Glenn Danzig; Marilyn Manson, dentre outros que construíram suas carreiras por meio do horror artístico.

Assim, o grotesco é considerado um estilo calcado na repulsa, ao integrar elementos do horror para construir reflexões sobre sociedade e cultura, seja nas artes visuais, na comunicação, na literatura.

Ao refletirmos acerca da etimologia da palavra "grotesco" de origem italiana, *grotta*, ou gruta, que significa porão, podemos referenciar pequenos traços discursivos nos artistas renascentistas, com ênfase em Leonardo da Vinci.

Em seus pequenos desenhos de caricaturas de pessoas com aparência que o mesmo considerava engraçada, feitos com tinta e pena, chamou de "*visi monstruosi*", que hoje é chamado de grotesco. A intenção de Leonardo da Vinci era satírica, uma vez que os cartões eram utilizados para contação de histórias e piadas.

De acordo com Isaacson (2017) "*os grotescos são exemplos de como as habilidades de observação de Leonardo serviram de alimento para a sua imaginação*" (ISAACSON, 2014, p.144) uma vez que os grotescos de Leonardo da Vinci o ajudaram em relacionar características faciais com emoções, como pode ser lido em sua biografia (2017). Dentre esses desenhos encontra-se Cabeças Grotescas (1494); Guerreiro e um Grotesco (1490), dentre outras ilustrações.



Fig. 1 - Cabeças Grotescas (Leonardo da Vinci, 1490) Fonte: Wikipédia (2019) Disponível em: < https://pt.wikipedia.org/wiki/Cabe%C3%A7as_Grotescas#/media/Ficheiro:Leonardo_da_Vinci_Grotesque_Heads.jpg > Acesso em: 07 de fev. de 2020

As características do trágico (horror) e do riso (cômico) podem ser vistas na figura 1 acima, visto que as expressões faciais dos rostos que foram desenhados por ele possuem distorções das formas faciais humanas que o artista usou para construir emoções, ao utilizar elementos faciais dos animais, para representar de forma exagerada *“características humanas como a loucura, demência e megalomania”* (ISAACSON, 2017, p.147).

A ilustração ao mesmo tempo que cômica, também é trágica, pois os rostos ali representados parecem variáveis dos rostos que o artista observou nas ruas para contação de histórias e piadas, em tons de ironia e sarcasmo. *“Se o pintor quiser enxergar belezas capazes de arrebatá-las, ele é o próprio mestre de sua criação; e, se quiser ver monstruosidades terrivelmente caricatas, ou ridículas, ou lamentáveis, ele é o mestre de tudo isso”* (DA VINCI APUD ISAACSON, 2017, p.144)

A representação do grotesco se subdivide em gêneros, que de acordo com eles, é o grotesco representado: *“Trata-se das cenas ou situações pertinentes aos diferentes tipos de comunicação indireta”* (SODRÉ; PAIVA, 2002, p.62) e o grotesco atuado: *“Trata-se de situações de comunicação direta, vividas na existência comum dos palcos, interpretadas como grotesco, de natureza”*. (SODRÉ; PAIVA, 2002, p.62).

Além dos tipos de grotesco, existem as modalidades expressivas, que Sodré e Paiva chamam grotesco escatológico: *“Trata-se de situações escatológicas ou coprologicamente caracterizadas, por referências a dejetos humanos, secreções, partes baixas do corpo”* (SODRÉ, PAIVA, 2014, p.64); grotesco teratológico: *“são referências risíveis a monstruosidades, aberrações, deformações, bestialismos”* (SODRÉ, PAIVA, 2014, P.64); (SODRÉ, PAIVA, 2014, P.64); Grotesco chocante: *“Seja escatológico ou teratológico, quando voltado apenas para a provocação superficial de um choque perceptivo, geralmente com intenções sensacionalistas”* (SODRÉ, PAIVAM, 2014, p.64) e grotesco crítico: *um recurso estético para desmascarar convenções e ideias, ora rebaixando as identidades poderosas e pretensiosas, ora expondo de modo risível o tragicômico os mecanismos de poder abusivo.*(SODRÉ, PÁIVA, 2014, p.64).

O conceito grotesco nos primórdios do rock

A liberdade de expressão, de oposição e a estética grotesca (de provocar com o riso, o trágico) fomentou o processo criativo de diversas bandas do segmento rock e heavy metal, como Black Sabbath, Kiss e Iron Maiden.

Buscamos encontrar o conceito do gênero musical rock nos estudos de Florent Mazoleni (2013) sobre as questões sociais e raciais que permeiam o gênero, e consideramos

(...) o rock'n'roll dos anos 1950 definiu como o de nenhuma outra década as mudanças que ocorreram no período, entre as quais a aceitação progressiva dos músicos negros, o reinado da juventude, o consumismo desenfreado e o nascimento de ícones dos tempos modernos. (MAZZOLENI, 2013, p.158)

Ao esmiuçar os estudos de Mazzoleni (2013) descobrimos que Screamin Jay

Hawkins foi um dos cantores que primeiro reconfiguraram o grotesco no gênero musical rock na música *I Put Spell on You*, de 1956: “*Screaming Jay Hawkins classificava seu estilo como “rock do vampiro”, dando mostras de uma teatralidade sem limites*” (MAZZOLENI, 2013, p. 217).

I Put Spell on You foi um dos compactos mais hipnotizantes já gravados, alcançado por Little Demon, um lado B em que ele deu asas a todos os seus delírios vocais. Clássico Instantâneo graças ao seu fulgurante scretismo entre um feitiço vudu e gritos selvagens sobre um ritmo de missa negra, *Put Spell on You* a princípio foi censurada, mas depois estourou nas paradas de sucesso. (MAZZOLENI, 2013, p. 217)

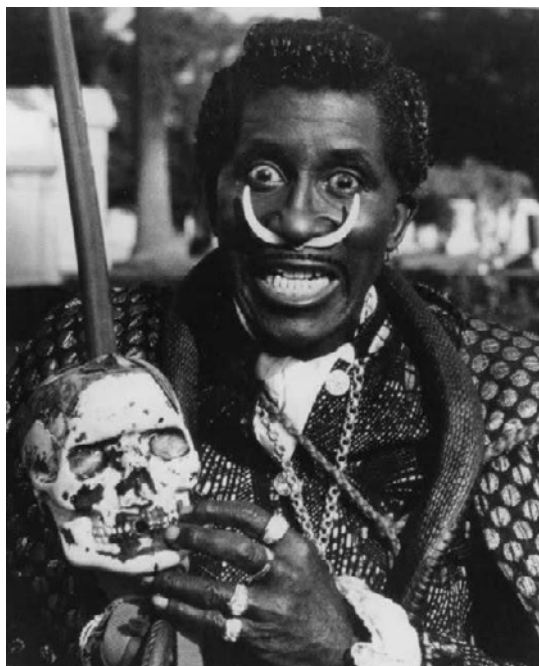


Fig. 2. - *I put a spell on you* (Screamin Jay Hawkins, 1958). Fonte: Poddtoppen Screamin Jay Hawkins. 2020.

Fonte: <https://poddtoppen.se/podcast/1437402802/a-history-of-rock-music-in-five-hundred-songs/episode-53-i-put-a-spell-on-you-by-screamin-jay-hawkins>. Acesso em 8 de setembro de 2019

No videoclipe ao vivo da música *I put Spell on You* de Screaming Jay Hawkins, de 1958, nós observamos diversos elementos os quais tornaram-se presentes no imaginário das bandas de rock posteriormente. O discurso do grotesco é reconfigurado, numa performance que possui diversos elementos retirados dos primórdios do teatro da *Commedia Dell’Arte* de Jacques Callot (1622). O riso (cômico) e horror (trágico) estão presentes em meio às referências bestiais e ao mundo animal, com máscaras, chifres e caveiras, como pode ser visto na figura 2. Na performance o músico utiliza o grotesco crítico, e reconfigura a poética visual integrando na música elementos teatrais do renascimento cultural e da comédia, em clima de carnavalesação.

O mundo “quimérico” da commedia dell’arte no rock

O renascimento produziu a *commedia dell’arte*, que se trata de um tipo de teatro de comédia que surgiu na Itália, final do século XVI, que continha espetáculos

baseados no cômico e no horror, primeiramente pelas ilustrações de Jacques Callot⁴. Algumas das apresentações continham humanos com máscaras espalhafatosas de animais.

Ao observarmos a peça de Jacques Callot, *Cucorongna - Pernoualla, from the Balli di Sfessania* (1622), considerada pelos estudiosos, críticos e historiadores da arte como um dos precursores do grotesco, podemos notar ali

(...) um indício do caminho que tornaria a acentuação ulterior das figuras, já então caricaturescamente torcidas - Pentalone é o velho caricato, sempre louco de amor e sempre enganado; o Dottore é um fanfarrão arrogante e sempre desmascarado, e assim por diante; tudo, num estilo excêntrico de movimento que abarcou "toda a criação do palco". O elemento quimérico, por seu lado, foi ainda intensificado pelo fato de os atores usarem máscaras que iam acima do nariz. (KAYSER, 1960, p.43).

O uso das máscaras, de acordo com Kayser (1960, p.43): "*servem meio para aplicar aos corpos humanos algo de animalesco*".

No rock, é comum observarmos bandas que lidam com discursos com as espécies (ou modalidades expressivas) de escatológico, teratológico, chocante e crítico. O discurso lírico e sonoro do rock encontra visualidade em exemplos do cotidiano e cultura popular que caracterizam e classificam como grotesco, à exemplo do carnaval e do circo no caso do grotesco atuado.



Fig. 3 - Capa do LP Psycho Circus (Kiss, 1998). Fonte: Wikipedia.
Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Psycho_Circus> Acesso em: 12 de fev. de 2020.

No que se diz respeito à peça de Jacques Callot, observamos uma reconfiguração acerca do grotesco teatral no conceito do álbum Psycho Circus da banda Kiss, de 1998, que pode ser visto na figura 3. O Capa do álbum possui um apanhado de referências aos antigos circos renascentistas. No videoclipe da faixa título, Psycho Circus, os elementos do trágico e cômico estão espalhados em meio ao uso excessivo de máscaras, maquiagens, fogo, bestialismos e marabalismos, caracterizando-se como grotesco teratológico e suporte imagístico.

4 Gravador e desenhista francês, grande mestre da água forte (SODRÉ; PAIVA, 2002, p.34).



Fig. 4 - (Secos & Molhados, 1973). Fonte: Prêmio da Música. Disponível em: <http://www.premiodamusica.com.br/as-7-musicas-mais-iconeas-do-secos-e-molhados-com-ney-matogrosso/>. Acesso em 08 de setembro de 2018.

No rock brasileiro outro exemplo oriundo do grotesco teratológico e escatológico e reconfiguração da *commedia dell'arte* aplica-se no figurino e performance da banda Secos & Molhados, como pode ser visto na figura 4. No videoclipe ao vivo da música *Sangue Latino*, de 1973, a banda se apresenta numa lógica teatral, onde o cantor Ney Matogrosso faz uso de máscaras que remetem ao animalesco, ao mesmo tempo que utiliza maquiagens e faz movimentos que lembram os antigos circos e peças das *commedia dell'arte* do século XVI, mesclando conceitos sobre a libido humana e o imaginário animal, com danças.

A poética visual do grotesco no rock



Fig. 5 - *Cabeça Dinossauro* (Titãs, 1986) Fonte: Titas.net Disponível em: <http://www.titas.net/discografia>. Acesso em 28 de ago. de 2019

A arte de Da Vinci foi reconfigurada pelo rock, como pode ser vista na figura 5 acima. A banda Titãs realizou em 1986 o álbum conceitual *Cabeça Dinossauro* e colocou como capa um dos estudos de Da Vinci. Ao analisarmos o processo de reconfiguração em torno do grotesco, observamos que o discurso é alterado. Se em um primeiro momento Leonardo Da Vinci realiza um desenho de observação com intuito satírico, a banda reconfigura a imagem com o nome *Cabeça Dinossauro*, termo que Da Vinci desconhecia e conseqüentemente em sua configuração de estudo não considerou tal relação. Coube aos Titãs reconfigurar e dar novo sentido ao grotesco no estudo de Da Vinci, de gênero representado, na pintura e desenho, grotesco teatrológico.



Fig. 6 - Until It Sleeps (Metallica, 1995) Fonte: Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=eRV9uPr4Dz4>> Acesso em 12 de fev. de 2020

O período da renascença também produziu um dos principais pesquisadores visuais do grotesco que é o artista Hieronymus Bosch, um pintor que flerta com o fantástico e com a subversão do grotesco em suas temáticas artísticas. Bosch influenciou diversos movimentos artísticos, inclusive o Surrealismo. No rock, este autor do século XV foi diversas vezes reconfigurado, com destaque na versão do videoclipe dirigido pelo diretor Samuel Bayer da música *Until It Sleeps* da banda norte americana Metallica em 1995. Encontra-se na figura 6 uma imagem do videoclipe do Metallica em comparação com a pintura do Bosch. Por gênero o grotesco no videoclipe se trata do representado em suporte imagístico, e escatológico como modalidade expressiva.

A literatura do grotesco no rock

Ao pesquisar sobre os escritores e poetas renascentistas, procuramos buscar os que possuem em suas obras elementos da poética grotesca os quais dialogam com a questão norteadora desta pesquisa. Com ênfase em Dante Alighieri, que possui um obra que contém elementos acentuados do grotesco, que é *A Divina Comédia* (1321), como diz Victor Hugo (1827) em seu prefácio de *cromwell*,

Quando Dante Alighieri terminou o temível “inferno”, fechou suas portas, e não lhe resta mais senão dar um nome à sua obra, o instinto do seu gênio faz com que veja que este poema multiforme é uma emanção do drama, não da epopéia, e no frontispício do gigantesco monumento, escreve com sua pena de bronze. (HUGO, 1827, p. 45)

A divina comédia é uma obra de três partes (Inferno, purgatório e paraíso) que narra a história do personagem Dante em sua jornada do inferno ao paraíso, em forma de poesia.



Fig. 7 - Dante XXI (Sepultura, 2006) Fonte: Site Sepultura. Disponível em: <<https://www.sepultura.com.br/dante-xxi>>. Acesso em 12 de fev. de 2020

É com os brasileiros da banda heavy metal Sepultura que o inferno de Dante Alighieri é revisitado e reconfigurado. Pois o álbum Dante XXI lançado pela banda em 2006 revisita a obra do poeta da renascença, onde as músicas que compõem o disco narram a trajetória do protagonista, como pode ser assimilado na figura 7.

Na música *Convicted In Life*, por exemplo, os brasileiros narram a trajetória de um homem condenado que se encontra preso no inferno. No videoclipe da música, de 2006, os elementos simbólicos do grotesco estão presentes em pleno retrato reconfigurado da Divina Comédia: bestialismos animais, horror, sangue, tortura e sofrimento, num conjunto simbólico que remete ao grotesco teratológico.

Considerações finais

O grotesco encontra-se presente no processo criativo dos mais variados artistas contemporâneos, e ao tratar-se de rock, por exemplo, o grotesco partilha dos conceitos provenientes do rock como gênero musical e movimento social, que trata-se da liberdade de expressão, da libertação individual, sexual, de enxergar o belo por meio do ridículo, do feio, do asqueroso e do cômico, como pode ser assimilado

nos estudos de caso aqui citados. Se no rock o objetivo é provocar de forma crítica, contestar, dar espaço para alguma minoria, o grotesco, por outro lado, também é provocar, por meio do trágico e do riso, uma reflexão à respeito da vida e do papel do ser humano perante a sociedade. Pode ser observado tanto nas obras de Leonardo Da Vinci, Jacques Callot, Hieronymus Bosch, Dante Alighieri quanto outros artistas da renascença que se apropriaram do conceito da poética visual do grotesco em algum momento de suas histórias e obras.

Ao nos debruçarmos com os estudos de Kayser (2013), Lena Beckman (2019) Victor Hugo (1827) e Muniz Sodré & Raquel Paiva (2014) constatamos que o grotesco é estudado em amplas perspectivas sociais e culturais. Esses teóricos sintetizaram o grotesco na literatura, na pintura, no teatro e no cinema das mais variadas obras audiovisuais. Esses estudos ajudaram a construir uma reflexão acerca do grotesco como categoria estética. A arte grotesca encontra-se em forte evidência nos movimentos culturais do cotidiano da sociedade contemporânea.

Já nos estudos específicos sobre o horror de Rafael Araújo (2014) e Noel Carroll (1999) descobrimos que o horror é uma fuga da realidade, uma forma que o ser humano tem de lidar com os terrores do cotidiano. Essas características encontram-se presentes tanto no grotesco dos artistas aqui citados e referenciados, quanto no imaginário das bandas de rock e heavy metal de som pesado, no caso do horror artístico, onde a fuga como válvula de escape ao realismo que fez presente ao longo do século XX, com ênfase nos anos 1950, fez emergir o gênero rock. Uma vez que é constatado no livro de Florent Mazzoleni (2013) que a crise econômica norte americana e o medo de uma suposta bomba nuclear, dentre a guerra do Vietnã e do Golfo, foi peça fundamental para o surgimento do rock.

Esse artigo abre uma questão que irá nortear diversas outras pesquisas e estudos acerca do grotesco, que é o caso da poética visual do grotesco no romantismo, nas artes modernas e suas reconfigurações na indústria cinematográfica, nas histórias em quadrinhos e nos movimentos sociais brasileiros e internacionais.

Consideramos que o grotesco protesta contra a censura; os regimes; o status quo; o conformismo; às regras. O grotesco da renascença lida com a ironia; o sarcasmo; a tristeza; o desespero; o refúgio mental; a crítica; o choque; a fuga. As bandas de rock lidam com a contemplação e celebração da vida; das reflexões que permeiam o campo político, social e econômico e das incongruências que o mundo pode trazer para um ser humano.

Referências

ARAÚJO, Rafael. **A experiência do Horror: Arte, Pensamento e Política**. São Paulo: Alameda, 2014.

BECKMAN, Lena. **The grotesque in el grecobetween form - beyond language - beside the sublime**. Påbyggnadskurs (C) i konstvetenskap Hötterminen 2019.

CARROL, Noël. **Filosofia do horror ou paradoxos do coração**. Campinas, Papirus, 1999.

HUGO, Victor. **Do grotesco e do sublime**: Tradução do prefácio de Cromwell. São Paulo: 2ª edição, 2014.

ISAACSON, Walter. **Leonardo da Vinci**. São Paulo: Editora WMF Martins Pontes, 2017.

KAYSER, Wolfgang. O Grotesco. **Configuração na pintura e na literatura**. São Paulo: Perspectiva, 2013.

MAZZOLENI, Florent. **As raízes do rock**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 2013.

NORMAN, Philip. **Mick Jagger**. 1ª edição, São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

SODRÉ, Muniz; PAIVA, Raquel. **O Império do Grotesco**. 1ª edição. Editora Mauad, 2014.

Submetido em: 16/09/2019

Aceito em: 27/07/2020